

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA  
IVONE LIMA DA SILVA

**AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR-ALUNO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPO LIMPO PAULISTA  
2009

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA  
IVONE LIMA DA SILVA

**AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR-ALUNO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da  
Faculdade de Campo Limpo Paulista –  
FACCAMP, como requisito para obtenção da  
graduação em Pedagogia, orientado pela  
professora Fernanda Ferracini

FACCAMP

2009

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém.”

Paulo Freire (1996).

Dedico este trabalho aos meus ex-alunos,  
meus alunos atuais e meus futuros  
alunos, uma vez que foi pensando neles  
que me dediquei a realizar tal pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

\*Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado à existência;

\*Aos meus pais que muito lutaram por minha formação;

\*Ao amor da minha vida, meu namorado Cleyton, que passou dias e dias me apoiando e ajudando na concretização deste trabalho;

\*À minhas amigas Carliene e Leonice, que foram parceiras nestes três anos de conquistas.

\*Agradeço aos professores que me prepararam para este momento, em especial, ao Professor Fernando Campos que é um exemplo de mestre, que me fez o lembrar várias vezes no decorrer deste trabalho e a minha orientadora Professora Fernanda.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é identificar e refletir sobre as relações afetivas entre professor e o aluno a fim de contribuir para o processo ensino-aprendizagem, através da identificação de pontos relevantes, nas concepções, que possam estimular professor e aluno para uma convivência de afetividade no processo educativo. Quando há um relacionamento de troca e afeto, o aprendizado se torna mais proveitoso e duradouro, tornando o indivíduo um ser crítico, reflexivo e atuante dentro da sociedade em que vive levando-o a uma educação de qualidade; no processo metodológico adotou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico que teve por objetivo investigar a importância do afeto no processo educacional no ensino fundamental, com o intuito de saber a sua contribuição para a melhoria da qualidade do ensino. Identificou-se que a prática educativa é de grande valor na formação do educando-cidadão. Assim, delinear uma análise reflexiva dos principais problemas cotidianos encarados na sala de aula pelos alunos e professores, em suas interações, enquanto sujeitos inerentes do processo educacional. Como uma pesquisa qualitativa em educação, contextualiza toda a problemática aqui estudada e lança subsídios à reflexão dos leitores, pesquisadores e educadores preocupados com a temática aqui discutida. Para elaboração desse trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica desenvolvida através de livros e artigos científicos, foi também realizada uma pesquisa de campo exploratória, cujo objetivo primordial era observar a situação em questão, a fim de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, buscando um complexo conhecimento da realidade. Concluiu-se que a afetividade deve caminhar junto do aspecto cognitivo, a fim de criar uma relação favorável ao processo educacional.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Relações Humanas na Escola.....	6
1.1. Motivação.....	7
1.2. Indisciplina.....	10
2. Afetividade.....	14
3. Afetividade na relação professor-aluno.....	19
3.1. Aluno.....	19
3.2. professor.....	23
3.3. A influência da afetividade no ensino-aprendizagem.....	28
Pesquisa de campo.....	32
Conclusão.....	40
Referências Teóricas.....	44

## INTRODUÇÃO

Para melhor compreensão da relação professor-aluno me preocupei em buscar subsídios que pudessem responder minhas dúvidas e reafirmar o que acredito, diante de meus pensamentos em relação a minha vivência como professora apenas há quatro anos, com relação ao meu relacionamento com meus alunos no percurso desta minha formação continuada.

Sempre me dei muito bem com os alunos e continuamente me senti querida, tenho a convicção de que minha postura de vê os alunos como seres humanos que necessitam não apenas de ensinamentos teóricos, mas de motivação, acolhimento, diálogo e segurança, os ajudou muito na caminhada de sua formação não só escolar, mas, todavia para a vida. Desta forma, exata pesquisa me propiciou a relatar o quanto à interação entre educador e educando é importante para o processo, de ensino-aprendizagem e ainda mais, me fez ter certeza do que já acreditava.

No entanto, atualmente é imposto ao educador desenvolver capacidades que possibilitem uma melhor adaptação às novos costumes e aos novos padrões de conduta social. Nesse contexto, a relação professor-aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição do processo ensino-aprendizagem.

Não desfavorável, cada profissional deve ter claramente definido o seu papel nesse contexto social, onde esta relação aqui considerada passa a ser alvo de pesquisas, na busca do diálogo, do livre debate de idéias, da interação social e da diminuição da importância do trabalho individualizado.

No decorrer do processo ensino-aprendizagem, a afetividade é fator determinante para um resultado positivo, onde as partes envolvidas (professor e aluno) possam ampliar o trabalho significativo para o progresso desse aprendizado.



O tema afetividade tem um valor social que necessita sempre ser discutido, pois é de extrema importância ao processo ensino-aprendizagem. Percebe-se que quando existe um relacionamento de troca e afeto, todo o aprendizado se torna mais proveitoso. No momento, em que o processo aceita a vivência do aluno e o incentiva de forma afetuosa, ele se sente seguro e capaz de transformar suas experiências em um conhecimento duradouro, que o tornará um indivíduo crítico, reflexivo e atuante dentro da sociedade em que vive.

A afetividade leva os professores a proporcionarem transformação no campo pedagógico, metodológico e social no processo ensino-aprendizagem, a fim de que a aquisição do conhecimento aconteça de forma estimulante e duradoura.

A relação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares, o ano letivo e de semestres. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar, trazendo à tona algumas questões norteadoras:

- a) de que maneira a relação professor-aluno interfere no processo ensino-aprendizagem?
- b) qual é a contribuição da afetividade entre professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem?

A escolha destas questões deu-se por considerar e vivenciar a afetividade numa instituição como o fator que prioriza o relacionamento do educando e educador, evidenciando a necessidade desse sentimento, visando integrar o aluno à instituição, potencializando a formação do indivíduo como cidadão singular, responsável e solidário. Além disso, valorizando a própria vida e comprometendo-se com uma sociedade mais justa e democrática.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, entre alunos do primeiro

segmento do ensino fundamental, Compreender se as relações afetivas podem favorecer a aprendizagem dos alunos; Estimular os professores a refletirem sobre suas atitudes em relação à afeição de seus alunos e conscientizar professores e alunos sobre as possíveis atitudes que favorecem uma relação agradável com o intuito de saber a sua contribuição para a melhoria da qualidade educacional.

No processo metodológico foi desenvolvida uma pesquisa de cunho bibliográfico que teve por objetivo investigar desde as relações humanas na escola, o que é afetividade e as relações afetivas na relação professor-aluno e sua influência no processo ensino-aprendizagem no ensino fundamental.

Na pesquisa de campo realizada através da proposta articulada, foram realizadas pesquisas com professoras e alunos do ensino fundamental da rede pública. Nela verificamos como ambos vêem este relacionamento e um ao outro. Esta pesquisa teve também a função de suscitar neste professor e nos alunos reflexões sobre suas atitudes ante o outro e estimular um bom relacionamento, como foco no diálogo entre professor-aluno.

O trabalho, no entanto, está dividido em três capítulos ligados diretamente ao tema e segue também as informações recolhidas na pesquisa de campo e os resultados obtidos com relatório final.

O capítulo inicial investiga um pouco das relações humanas que existem na escola e sua extrema importância para o bom funcionamento da mesma e sua contribuição no relacionamento afetivo entre professor-aluno. O estudo baseado nestas relações teve ênfase no aspecto emocional não planejado e mesmo irracional do comportamento humano. Assim sendo, o ser humano passa a merecer atenção especial, reconhecendo sua necessidade de motivação, elogios e reconhecimento, tanto no seu local de trabalho, na escola ou em casa.

O relacionamento humano na escola, no entanto, deve ser visto com mais apego e importância e precisa ser fundamentada nas relações informais,

que deve ser praticada e vivida por todos os que fazem parte dela. Ligados diretamente a estas relações, foram destacadas dois aspectos de suma importância para o relacionamento entre professor-aluno: Motivação e indisciplina.

O estudo com base na motivação comporta a busca de princípios que nos auxilia compreender, por que os alunos agem de maneira diferente em determinadas situações. Assim sendo, a motivação é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do aluno em todas as fases de sua vida, portanto o professor tem o poder em suas mãos de suscitar no aluno ações que o promovam para um status de felicidade consigo e com o outro ao seu redor.

Sendo assim, é possível afirmar que todo comportamento é motivado e precisa ser motivado, mas é preciso entender qual o tipo de estímulo que esta criança recebe, ou seja, estímulo bom - comportamento bom e estímulo ruim - comportamento ruim (indisciplina). Esta pesquisa deixa claro que o professor deve propiciar um ambiente emocional adequado, para isto a aprendizagem precisa ser motivante e positiva, pois desta forma a indisciplina desaparece.

Portanto, precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o crescimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática e humana.

O capítulo seguinte, destaca a afetividade como principal foco do relacionamento entre professor – aluno, pois possui papel efetivo no desenvolvimento intelectual de qualquer pessoa, já que ela influencia na inteligência, nas intenções, nos pensamentos e nas ações do ser humano.

A dimensão afetiva faz parte do ser humano desde o início de sua vida e a cada momento dela as questões afetivas estão sistematizadas e em desenvolvimento e conseqüentemente desenvolvendo a criança. A afetividade desenvolve, no educando, suas reflexões alcançando um resultado positivo

como a consciência de que o estado emocional favorável é condição fundamental para que isto ocorra. A afetividade leva os professores a proporcionarem transformação afim de que a aquisição do conhecimento aconteça de forma estimulante e duradora.

O terceiro capítulo procura entender a influência da relação professor – aluno e suas contribuições no processo ensino aprendizagem, assim sendo foram analisados o papel do aluno e do professor nesta relação. Afim, de entender quais ações contribuem para o bom e mau funcionamento desta afinidade.

Desse modo, a reflexão sobre a importância e o papel do professor e do seu relacionamento com os educandos, vai bem mais além, pois, estamos diante de constantes mudanças muitas vezes são obscuras, preocupam e deixam os profissionais perdidos. Do mesmo modo, possibilita que atentemos para os limites que envolvem os sujeitos distintos dentro de sala de aula, onde o aluno espera concretizar expectativas de aprendizagem e reciprocidade de carinho e compreensão. O objetivo de enfrentar esse grande desafio, também inclui em vencermos os nossos medos, que não são poucos, a fim de contribuirmos para um futuro melhor, onde devemos romper com antigos conceitos, através de crítica, criatividade, afetividade e diálogo, para a construção de novas formas no presente, com vistas ao futuro.

## 1. RELAÇÕES HUMANAS NA ESCOLA.

As Relações Humanas são as ações e atitudes desenvolvidas pelos contatos entre pessoas e grupos. Os indivíduos dentro da organização participam de grupos sociais e mantêm-se uma constante interação social. Relações Humanas são as ações e atitudes desenvolvidas pelos contatos entre pessoas e grupos.

Cada indivíduo é uma personalidade diferenciada que influi no comportamento e atitudes uns dos outros com quem mantém contatos. É exatamente a compreensão da natureza dessas relações humanas que permite ao dirigente melhor resultado de seu dependente.

A preocupação com as relações humanas nos locais de trabalho e nas instituições surgiu com a contrariedade da Organização Científica do Trabalho com o objetivo de estudar as condições de trabalho sobre rendimento pessoal e profissional. Elton Mayo foi o mentor deste movimento, realizou na época pesquisas em uma fábrica com operários.

A origem da Teoria das Relações Humanas é: A necessidade de humanizar e democratizar a administração, libertando-a dos conceitos rígidos e mecanicistas da Teoria Clássica e adequando-a aos novos padrões de vida do povo americano e o desenvolvimento das chamadas ciências humanas, principalmente a psicologia e a sociologia.

Como o estudo baseado nestas relações pode-se observar que a ênfase foi no aspecto emocional não planejado e mesmo irracional do comportamento humano que passa a merecer atenção especial por parte de quase todas as grandes figuras da Teoria das Relações Humanas.

Com o advento da Teoria das Relações Humanas, uma nova linguagem passa a dominar o repertório administrativo: Falam-se agora em motivação, moral e a atitude.

A felicidade humana passa a ser vista sob um ângulo completamente diferente, pois o homo economicus cede lugar ao homem social, o homo socius, que possui a necessidade de reconhecimento, valorização, respeito e tendo identificação com um grupo. A ênfase nas tarefas e na estrutura é substituída pela ênfase nas pessoas.

Na escola as relações humanas, a liderança informal (lógica de sentimentos e afetos), exerce uma grande influência sobre o comportamento do ser humano, os líderes informais criavam estratégias que conduziam os liderados a trabalharem como um grupo social coeso e integrado.

Nesta fase de preocupação com as relações humanas, as escolas de ensino básico, do mesmo modo, voltaram sua atenção para estas questões, tornando-se favoráveis a este pensamento já que a mudança ocorrerá justamente aonde iriam seus alunos após se formarem: ao mercado de trabalho.

O relacionamento humano na escola foi, portanto visto com mais importância e seriedade, esta por sua vez se tornou adepta da liderança informal, sendo praticada e vivida por todos os que fazem parte dela, deste a gestão até, mas como esta nova fase surge questões que acabaram preocupando e tendo mais ênfase como motivação, indisciplina e agressividade no âmbito escolar.

## **1.1. MOTIVAÇÃO**

Segundo Luciane Knüppe (2006, p.280) “A motivação é entendida, como um processo psicológico, ou seja, ela é proporcionada por meio dos componentes afetivos e emocionais”. Sendo assim a compreensão da motivação do comportamento exige o conhecimento das necessidades humanas fundamentais como necessidades fisiológicas, psicológicas e de auto realização.

As necessidades fisiológicas são baseadas em necessidades vitais ou vegetativas, relacionadas com a sobrevivência do indivíduo. Segundo Knüppe “As principais necessidades fisiológicas são as de alimentação, sono, atividade física, satisfação sexual, abrigo e proteção contra os elementos e de segurança física contra os perigos.”.

Uma vez atendidas essas necessidades, elas passaram a não mais influenciar o comportamento humano. Deste modo, o comportamento passou a ser motivado por outras necessidades mais complexas: as necessidades psicológicas. São necessidades exclusivas do homem. São aprendidas e adquiridas no decorrer da vida e representam um padrão mais elevado e complexo de necessidades. As precisões psicológicas são raramente satisfeitas em sua plenitude.

A Necessidade de auto realização é produto da educação e da cultura e também elas, como as necessidades psicológicas, são raramente satisfeitas em sua plenitude, pois o homem vai procurando gradativamente maiores satisfações e estabelecendo metas crescentemente sofisticada. A indigência de auto-realização é a síntese de todas as outras necessidades. É o impulso de cada um realizar o seu próprio potencial, de estar em contínuo auto desenvolvimento no sentido mais elevado do termo.

No processo ensino-aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos. Segundo Knüppe (2006, p. 281) “O papel do professor, não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles do processo de formação”. Frente a essa idéia, o professor influenciará o aluno no desenvolvimento da motivação da aprendizagem. Para a autora, quanto mais consciente for o professor com relação à motivação, melhor será a aprendizagem de seu aluno.

No que se refere à motivação para a aprendizagem, é adequado diferenciar dois conceitos: motivação e incentivo. Conforme Sabbi (1999), a motivação é algo despertado interna e subjetivamente em cada pessoa, sendo

que, para que isso aconteça, são necessários estímulos. A qualidade dos estímulos, no caso dos alunos, determinará se eles se sentirão motivados ou não. Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como um estímulo porque “[...] a afetividade gera motivação. Se existe motivação, a criança realiza tarefas mais complexas” (Sabbi, 1999, p.16).

No entanto, motivar os alunos é um trabalho que solicita muita reflexão acerca do próprio aluno, da situação social, dos conteúdos, e da adequada atividade didática do docente, que deve estar organizado para, entre outras atividades que visem motivar os alunos para a aprendizagem, modificar sua prática pedagógica, se, ao meditar os fatores determinantes do desinteresse do educando, perceba que neles estão inseridos a sua forma de agir com a classe, ou com determinado aluno.

É fundamental essa análise para que possa ser evitado rótulo como "este aluno é um problema", "fulano não quer nada com os estudos", e sim, que os professores procurem motivar seus alunos, organizando atividades e tarefas que motivem seus alunos a partir do planejamento do ensino.

Uso das palavras de Carneiro e Schneider (2007) no artigo: Aspectos Socioafetivos do Processo de Ensino e Aprendizagem, para concluir o pensamento sobre motivação no aspecto afetivo no processo ensino aprendizagem:

“A afetividade passa, então, a ser um estímulo que gerará a motivação para aprender. No entanto, cabe ressaltar que a motivação para a aprendizagem depende das estratégias didáticas, da qualidade das intervenções do professor e também do modo como planeja e utiliza certos recursos em suas aulas, como: metodologia de projetos, aulas - passeio, dramatização, lúdico, entre outros.” (Carneiro e Schneider, 2007, pg.83)



## 1.2. INDISCIPLINA

Assim como a motivação é um assunto muito discutido no âmbito escolar por ser uma forma de estímulo e incentivo, tanto vindo do outro como para o outro, é impossível não falar de indisciplina, causas e conseqüências, que atinge às relações afetivas na escola.

Segundo o Dicionário Aurélio, (2009, p.384) *“Indisciplina. Sf: Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina.”*

Definição de Disciplina segundo o Dicionário Aurélio (2000, p. 239) *“Disciplina. sf: 1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. 3. Relações de subordinação do alunos ao mestre. 4. Submissão a um regulamento.[...]”*

Indisciplina esta ligada diretamente ao comportamento de uma pessoa que age de maneira contrária ao senso comum e a ordem que favorece a todos, como vimos em disciplina, “um regime de ordem e organização”.

Segundo Aquino (1996), a indisciplina escolar não envolve apenas características encontradas no exterior da escola como problemas sociais, sobrevivência improvável e baixa condição de vida, além de desordem nas relações familiares, mas aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno; a probabilidade de o cotidiano escolar ser permeado por um currículo oculto; entre outros.

Portanto, a indisciplina escolar pode ser atribuída a fatores fora do âmbito escolar e/ou a fatores que envolvem o comportamento do docente, seu exercício pedagógico e até mesmo, práticas da própria instituição que podem ser excludentes.

Constata-se que no conjunto educativo, a indisciplina coopera para a exclusão escolar, provocando um problema social grave. Para Aquino (1996, p.

40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida”.

A raiz da conduta de ditos indisciplinados encontrar-se em diferentes fatores: alguns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros verificados nos estudantes; outros provocados no processo pedagógico escolar; outros centrados nas famílias dos alunos; e outros alheios ao contexto escolar.

Guimarães (1996) expõe que a escola está planejada objetivando homogeneizar as pessoas, pois, segundo ela, há quem acredite que quanto mais igual, mais fácil de dirigir.

Defende ainda, que a escola tem mecanismos disciplinares que levam a manter a disciplina da conduta de alunos, de docentes e outros funcionários. Dessa forma, aponta a indisciplina como uma provável forma de resistência por parte dos estudantes que não se reprimem as regras impostas pela instituição.

Para entender porque tantas crianças e até adultos agem de forma indisciplinada, é necessário que o professor busque entender e saber classificar de maneira correta o verdadeiro significado desse comportamento, para não julgar como indisciplina algumas ações de caráter natural conforme a situação vivenciada.

Por que é necessário então, que não só a criança, mas todo ser humano, entenda que é preciso ter ordem e organização nas suas ações e falas?

Para responder esta questão, Vichessi (2009) em um dos seus artigos sobre indisciplina, na revista Nova Escola explica que:

“É preciso entender que a indisciplina é a transgressão de dois tipos de regra. O primeiro são morais, construídas socialmente com base em princípios que visam o bem comum, ou seja, em princípios éticos. [...] O segundo tipo as chamadas convencionais, definidas por um grupo com objetivos específicos.” (Vichessi, 2009, p.79)

O professor possuindo o conhecimento destes dois tipos de regras deve buscar maneiras que faça com que seu aluno passe a adotá-las e prática-las, não cabe somente pensar que as regras morais são obrigação da família e esperar que seu aluno chegue à escola como há 50 anos atrás, onde o respeito pelo outro e pelo professor era obrigação eminente. Para Vichessi (2009) “O movimento contínuo de construção e reavaliação de regras, mais o respeito a elas, é à base de todo convívio em sociedade”. (p.79)

Atualmente é necessário o uso permanente do “currículo oculto” - conteúdos implícitos dizem respeito aos temas transversais, como: moral, respeito mútuo e as regras, entre outros - aquele que deve paralelamente ser trabalhado com o aluno juntamente com os conteúdos definidos para a série.

Para Freire (1997), um projeto de escola que procura o desenvolvimento da cidadania necessita ter como metas: tratar todos os sujeitos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de melhor; e, além disso, garantir um ambiente para a construção de conhecimentos científicos significativos, que colaborarem para uma apreciação crítica da realidade.

É necessário que o professor desenvolva e conquiste maior autonomia para lidar com a indisciplina na sala de aula. Isso não significa deixar o professor desamparado com o problema, mas promover um trabalho em parceria, firme em responsabilidades abertamente definidas e no auxílio estratégico da equipe de apoio pedagógico em circunstâncias e situações que requerem intervenção.

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação. Gómez, 2000 (p. 81)

Moço em seu artigo sobre o tema na revista Nova Escola (2009) diz que “Não há solução fácil. Mas é essencial trabalhar - como conteúdos de ensino - as questões relacionadas à moral e ao convívio social e criar um ambiente de cooperação” (p.83), ele ainda apresenta nesta reportagem sete soluções para que o professor reflita e encaminhe o problema: distinguir as regras morais das convencionais e discuti-las; equilibrar de maneira justa sua reação a um problema: conquistar autoridade com o saber e o respeito ao aluno; ter como objetivo construir um ambiente cooperativo; agir na hora certa e sempre manter a calma; ficar alerta porque a indisciplina nunca acaba e incentivar e respeitara autonomia do aluno.

Apesar de ser complexo e difícil trabalhar com o enigma da indisciplina, o educador não pode abdicar e nem se acomodar. Não pode consentir que a educação silencie e limite os alunos e que impeça seu desenvolvimento criativo, sua participação em sala de aula e que impeça o surgimento de um relacionamento afetivo saudável que favoreça o crescimento intelectual de cada educando.

Acredita o filósofo e sociólogo chileno Cassassus (2008) ter um ambiente emocional adequado, gerado pelo bom relacionamento entre professor e aluno, é fundamental. “Quando a turma aprende coisas motivantes, o problema da indisciplina desaparece.” (pg.28).

Portanto, precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o crescimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática e humana.

## 2. AFETIVIDADE

No dicionário Aurélio (2009), o verbete afetividade está definido da seguinte forma: *“s.f. Psicologia Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). / Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual.”*

Portanto, a afetividade possui um papel essencial na formação intelectual de qualquer pessoa, pois ela influencia na percepção, nas intenções, nos pensamentos e nas ações do ser humano, sendo assim um fato essencial para o equilíbrio e a harmonia da personalidade individual.

Vygotsky apud Oliveira (1992) menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

Outrora as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico estavam sendo abordadas como ciência de forma separada, atualmente percebe-se uma intenção de associação dessas duas dimensões, num experimento de constituição do ser psicológico completo.

“Essa tendência parece assentar-se em uma necessidade teórica de superação de uma divisão artificial, a qual acaba fundamentando uma compreensão fragmentada do funcionamento psicológico” (Oliveira, 1992, p.75) Assim sendo, a dissociação dos aspectos cognitivos e afetivos é impraticável uma vez que ambas se completam, logo que constituem a mente humana por completo. Podemos entender mais sobre isto no trecho abaixo do pensamento de Vygotsky no artigo: O Problema da Afetividade em Vygotsky de Oliveira (1992):

“A análise em unidades indica o caminho para a solução desses problemas de importância vital. Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e sua atividade” (Oliveira, 1992, p.77)

Cada pessoa possui em seu íntimo, os estados afetivos que o compõem e o distinguem dos demais, assim sendo podemos citar como fundamentais os seguintes estados: emoções, sentimentos, inclinações e paixões.

A emoção por sua vez é o mais intenso estado afetivo, tendo como definição a seguinte: “*s.f. Abalo moral ou afetivo; perturbação, geralmente passageira, provocada por algum fato que afeta o nosso espírito (boa ou má notícia, surpresa, perigo): a homenagem causou-lhe grande emoção.*”.

Dantas (1992) explica que “a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo.” (p.85). Toda criança ao nascer, não traz consigo intenções inatas para sentir amor, ódio, raiva, medo, insegurança ou criar vínculos com os outros. É através do seu desenvolvimento físico e mental que ela passa a ter conhecimento que vai determinar o tipo de relacionamento que ela terá com as demais pessoas.

O início para o desenvolvimento dessas atitudes positivas ou negativas começa como a interação que se estabelece entre a criança e a mãe, ou quem cuida dela, durante seu primeiro ano de vida.

Segundo Piaget apud Piletti (2004), em seu estudo sobre o desenvolvimento mental ou cognitivo, a criança encontra-se no período Sensório Motor (0 aos 2 anos) cujas características são desenvolvimento da consciência do próprio corpo, diferenciando-o do restante do mundo físico, desenvolvimento da inteligência e inteligência prática.

Neste período a única atitude emocional desta criança é uma excitação por causa de insatisfação e aflição ou prazer e satisfação, já que esta é a única maneira de se comunicar, ou seja, como ainda não sabe articular palavras e expressar suas necessidades através da fala ou até de movimentos comunicativos, ela apenas chora. É exatamente este choro que possibilita o surgimento de um vínculo, este vínculo faz o bebê aproximar-se de certas pessoas, receber cuidados e sentir-se bem e seguro com elas.

“Não é por acaso que seu choro atua de forma tão intensa sobre a mãe: é esta a função biológica que dá origem a um dos traços característicos da expressão emocional: sua alta contagiosidade, seu poder epidêmico” (Dantas 1992,p.85)

Segundo Piletti (2004) a criança desenvolve afeição pelos adultos a partir de seus nove e doze meses de vida, a feição por criança surge a partir de seus um ano e três meses e o ciúme por volta de 1 ano e 4 meses. Para Dantas “As trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros.” (1992, p.90).

Sendo assim, é inevitável perceber que as atitudes emocionais e a aprendizagem sobre o mundo e o outro se desenvolve conforme a maturação e aproximação do mundo e das outras pessoas. Piletti afirma que “a aprendizagem é muito importante, especialmente no que se refere à expressão da emoção e à ocasião em que é adequado um comportamento emocional.” (2004.p.219).

Este comportamento pode desta forma variar conforme a idade da pessoa que a expressa, a cultura em que ela está inserida, de acordo com sua aprendizagem e vivência de mundo, como agressividade, um sujeito pode expressar maior ou menor intensidade de agressividade de acordo com o grupo social a qual está inserido, pois cada povo possui suas características e crenças nos quais se reforça o comportamento emocional de maneira positiva ou negativa.

Além da dimensão cultural, a dimensão temporal também influencia no desenvolvimento afetivo, pois com o passar do tempo às crianças desenvolvem aspectos próprios como socializar-se aos demais, evoluir sua forma de pensar e ainda a sua afeição que inicialmente encontra-se paralelamente ao egocentrismo inicial aos sentimentos.

Neste momento sentimentos como gostar ou não gostar vão surgindo em relação aos demais, mas a forma com que interage com o adulto é distinta da forma como age com crianças de sua própria idade.

Piletti (2004) diz que “Quando se trata dos adultos, geralmente a criança desenvolve em relação a eles um sentimento unilateral de respeito” (p.238)

É deste respeito pelo adulto que a criança passa a desenvolver a moral, por depender da vontade do adulto, uma vez que até seus sete anos a criança não possui ao certo a noção de grupo, do respeito comum a todos ou de assumir responsabilidade. A sua indiferença as regras ainda não é intencional, já que não possui consciência das consequências ou causas advindas destas regras.

Seu desenvolvimento físico e intelectual a criança passa, por si só e com as experiências adquiridas a ter a moral titulada moral autônoma, onde ela já sabe distinguir o que se deve ou não fazer para que não interfira no bem comum, entender neste momento a reverência de “respeito mútuo” tanto pelos adultos quanto para as outras crianças de sua idade, é agora que ela deve seguir as regras estabelecidas pelo grupo e participar do bem comum a todos.

“É o período que vai dos sete aos doze anos caracteriza-se pelo aparecimento de novos sentimentos morais e pelo início da organização da vontade” (Piletti, 2004, p.252), portanto é nesta fase que a criança deixa a moral heterônoma - É imposta a partir do exterior como um sistema de regras obrigatórias. Tem caráter coercitivo e é a fonte do dever - para dar lugar a moral autônoma - surge do próprio indivíduo como um conjunto de princípios



de justiça. Tem caráter espontâneo e é a fonte do bem - e ainda evoluir seu julgamento moral.

“A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica [...] da afetividade diferenciou-se lentamente, a vida racional.” (Dantas, 1992, p.90).

A dimensão afetiva como visto faz parte do ser humano desde o início de sua vida e a cada momento dela as questões afetivas estão sistematizadas e em desenvolvimento e conseqüentemente desenvolvendo a criança.

Com o amadurecimento a afetividade se passa a associar-se com a dimensão cognitiva: a inteligência. Segundo Dantas a vida histórica de um indivíduo será construída através de uma série de experiências predominantemente afetivas ou predominantemente cognitivas, não paralelas, mas integradas, “Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa.” Dantas (1992, p.90).

E neste momento, que a educação toma seu espaço, principalmente as relações afetivas, entre o par educativo - professor-aluno -, sendo assim, a afeição entre professor e aluno, torna-se aliada para a aquisição de um aprendizado significativo e produtivo para ambas as partes. Sobre isto, Dantas diz “Pensar nesta direção leva a admitir que o ajuste fino da demanda às competências, em educação, pode ser pensado como uma forma muito requintada de comunicação afetiva.” (1992, p.90)

### **3. AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.**

Quando pensamos na relação professor-aluno, logo pensamos na interação entre ambos, dentro do limite de cada pessoa, em relação às normas estabelecidas pela escola.

Abreu e Masetto (1990) descrevem sobre esta relação:

“Nesse encontro, seres vivos, seres humanos, confinados dentro dos limites da classe, se defrontam, se comunicam, se influenciam mutuamente (...) mesmo estando limitados por um programa, um conteúdo, um tempo predeterminado, normas diversas da instituição de ensino etc., o professor e o aluno, interagindo, formam o cerne do processo educativo. Conforme o rumo que tome o desenvolvimento desta interação, a aprendizagem do aluno pode ser mais ou menos facilitada, orientada mais para uma ou outra direção. Por certo, uma relação tem dois pólos e cabe a ambos determinar o clima da sua relação, por certo também, entretanto, professor e aluno desempenham papéis diferenciados nessa relação de sala de aula voltada para a aprendizagem e cabe ao primeiro tomar a maior das iniciativas, incluindo ‘dar o tom’ no relacionamento estabelecido entre eles.”. (p.113)

Para os autores esta interação professor-aluno dá origem ao chamado cerne do processo educativo, ou seja, a parte mais essencial deste processo de construção, e ambos exercem papéis distintos para que esta relação seja agradável ou não, que ela construa ou destrua neste processo.

Antes de analisarmos as possíveis relações que ocorrem entre o professor-aluno é necessário entender um pouco de cada personagem deste espetáculo, iniciarei agora falando sobre o aluno neste processo educacional.

#### **3.1.ALUNO**

Assim diz o grande mestre e admirável pedagogo Freire “Não há docência sem discência” (1996, p.21), o que seria do professor sem o aluno? A quem ensinaria? E quem o ensinaria?

Prossegue o Mestre Freire neste pensamento “Embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao seu formado.” (1996, p 23).

Impossível ter educação, diálogo, aprendizado sem os atores deste processo, e seguindo o pensamento deste pedagogo é possível afirma que o aluno é peça fundamental na construção do seu conhecimento e do conhecimento do professor.

Segundo Chalita (2001) “O aluno é aquele que, em linhas gerais, está sendo avaliado pelo desenvolvimento formal de suas habilidades.” (p.138), pois tanto a escola quanto seus familiares preocupam-se como seu crescimento, de maneiras distintas, pois a maior preocupação da escola é desenvolver os aspectos cognitivos, apesar de que hoje em dia ele esteja assumindo forçadamente o desenvolvimento de aspectos: físicos, emocionais e morais, aspectos antigos de obrigação da família.

Sendo assim cada aluno é diferente do outro, cada um é único, que possui suas peculiaridades e características da sua família de seu povo e de seu convívio social, que por sinal, é a marca histórica de cada ser humano e deve ser inevitavelmente levada em consideração e explorada em sala de aula.

O fato é que mesmo que o aluno seja um sujeito ativo do processo de aprendizagem, necessita de direção, necessita de líderes que possam guiá-lo a caminhos admissíveis de desenvolvimento pessoal. Defende Chalita que “Para isso a autonomia tem de ser respeitada, a experiência que cada aluno traz de seu universo pode ser um laboratório espetacular para o professor.” (2001, p.137).

O aluno é um ser que é carregado de dúvidas, incertezas e imaginações, sendo assim é na escola que ele tem o direito de errar, de perguntar. Mesmo que o ponto de vista de um aluno, esteja incorreto, ele tem direito a respeito, até para que possa aprender a aperfeiçoar suas opiniões.

A este respeito Freire afirma que “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão.” (1996, p.26).

Chalita reforça a idéia dizendo que “O que costuma dificultar essa visão integral e afetiva são os muitos paradigmas, as amarras, os costumes tradicionais de não se valorizar a vivência do aluno, sua história, sua vivência pessoal.” (2001, p.140)

Toda criança traz consigo uma bagagem com experiências ruins da própria família: são bloqueios, receio, angústia e outros traumas que dificultam o seu desenvolvimento no processo educativo porque suscitam insegurança.

Outros já não possuem esta característica, aparentemente, estão preocupados com o aprendizado, são interessados, participativos; nem por isso se deve deixar de lado os alunos que possuem dificuldades, e sim conhece-los e auxilia-los da busca da auto realização e do auto conhecimento.

“Alguns professores, erroneamente, forçam esses alunos mais tímidos à participação por meio de ameaças ou de atitudes de sarcasmo e ironia. Evidentemente não há nada de educativo nesse tipo de postura.” (Chalita, 2001, p.141).

Possui aquele aluno que inventa inúmeros problemas e mentiras, muitas vezes inventa por motivo algum, mas na maioria das vezes, Segundo Chalita (2001) podem estar realmente passando por dificuldades que forjam criar um mundo de mentiras e problemas para fugir da sua realidade. Deste modo, é preciso deixar o aluno falar, é preciso saber ouvir.

O educando não gosta de estudar quando o aprendizado e o educador não são interessantes e nem o atrair. Aluno odeia mesmice, rotina, falta de criatividade.

Não é nada difícil saber que estudar, não é nenhum atrativo para qualquer criança, eles têm sede de aprender, mas a forma com que se ensina

é o fator chave. Segundo Chalita (2001) “Quando o professor parte deste princípio acaba entrando no terreno da obrigação: tudo, apesar de ser chato, é obrigatório ou não então o aluno não faz.” (p.150)

Outra característica do aluno é a frequente mudança de ponto de vista, como está vivendo um processo de organização e reorganização mais intensa, o aluno troca de opinião rapidamente e com mais flexibilidade, assim, ele pode alterar também seu comportamento e seus pensamentos positivos para negativos. É neste instante que o professor deve guiá-lo e direcionar ao máximo sua forma de pensar, para que reaja contra os comportamentos inadequados. Freire (1995) “No fundo, a maioria dos educados que a testam o fazem ansiosos para que ela não o decepcione. Ao testa-la, não estão querendo seu fracasso. Mas há também os que provocam porque querem ver o fracasso do educador.” (p. 81)

Chalita cita ainda que “A referência a um aluno indisciplinado, ausente ou com dificuldade de aprendizagem deve ser cuidadosa; quanto mais desprezado o aluno, mais agravados serão os problemas”. (2001, p.153)

A criança necessita de afeto, de carinho e de alguém que o ouça e perceba sua existência, desta forma ele se sente valorizado e motivado para se dá por inteiro. O professor é a pessoa que possui contato com o aluno diariamente, e se torna referência para o aluno, apenas um gesto de atenção e carinho ao aluno com problemas será fascinante e agradável para ambos os lados.

Toda pessoa percebe quando não está agradando e quando é mal recebido por alguém, Segundo Chalita (2001), esta sensação torna o aluno uma pessoa agressiva, sem preocupação de agradar o outro e até insensível, incapaz de tomar a dor do outro para si. Um estudante assim, não se preocupará se quer se tumultua a aula, ele quer atenção e se a única forma de chamá-la for esta ele certamente o fará.

Assim sendo, a relação afetiva deve ser desenvolvida plenamente, fazendo com que ambos participantes tenham gozo em exercer seu papel e prazer na convivência com o outro, que por sinal terá imensa importância para seu desenvolvimento e para sua vida.

Enfim, o educando tem de ser capacitado para adquirir características de um cidadão concreto para desenvolver a capacidade de aprender, para adaptar-se a qualquer ambiente natural e social e ainda fortalecer seus laços com a solidariedade humana.

### **3.2. PROFESSOR**

Por mais que se invista em tecnologias, o professor foi e sempre será o grande e fundamental agente deste processo educativo, nada e nenhuma tecnologia pode ser comparado ao papel e importância do professor.

“Pode-se todos os poemas, romances ou dados no computador; como há nos livros, nas bibliotecas; pode até haver a possibilidade de buscar informações pela internet, cruzar dados num toque de teclas, mas falta a emoção humana, o olhar atento do professor, sua gesticulação, a fala, a interrupção do aluno, a construção coletiva do conhecimento, a interação com a dificuldade ou facilidade da aprendizagem” (Chalita, 2001, p.164)

Segundo Chalita (2001) é impossível um professor pregar algo e não o praticar; como falará sobre autonomia se não tem autonomia e coragem para assumir sua metodologia, como suscitará no aluno a ânsia de serem livres se o seu pensamento é preso em burocracias, medos e limitações; Querer do aluno sua felicidade é demonstrar apreço (afeto) e para isto é preciso sentir o afeto e viver como emoção e paixão.

Não adianta apenas dizer o que fazer e como agir, se sua prática não existe realmente, é a mesma coisa de dizer: “Faça o que falo, mas não faça o que faço”, o aluno percebe quando a professora não tem certeza do que diz e

até mesmo ele capta e percebe ações da professora até mesmo na escola e na sala de aula.

“O testemunho como a melhor maneira de chamar a atenção do educando para a validade do que se valoriza, para a firmeza na luta, na busca da superação das dificuldades. A prática educativa em que inexistente a relação coerente entre o que a educadora diz e o que faz é, enquanto prática educativa, um desastre.”. (Freire, 1995, p.75)

Freire (1995) ainda diz que o professor deve encarar e mostrar ao aluno a realidade de si, revelar que é como qualquer ser humano, com falhas e valores, mas que com seu testemunho, luta pela liberdade, pela seriedade e pela concepção da imprescindível disciplina de estudo, já que é dever e direito do educando.

Chalita (2001) compõe em seu livro (...) um quadro de características de tipos de professores comuns que encontramos no nosso cotidiano, o interessante deste estudo foi a forma de mostrar ao próprio educador que algumas de suas atitudes nada contribuem para melhorar seu relacionamento com o aluno e sim ao contrário.

Professor arrogante: Aquele que acha ser o detentor do conhecimento, se coloca em um patamar acima dos alunos e dos demais professores, não aceita questionamentos e acha que com isto o aluno está o insultando. Seu relacionamento com o aluno é distante. Segundo Chalita (2001) o professor arrogante tem por si uma imensa rejeição e complexo de inferioridade, por isso precisa sempre se auto afirmar diante de seus alunos.

“Se [...] começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da ‘formação’ do futuro objeto de meu ato formador[...]. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do

processo, vá ficando mais claro que , embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar...” (Freire, 1996, p.22 e 23)

Assim sendo, o educador deve ter ciência que não é o dono do saber que o aluno tem muito que aprender, mas muito que ensinar o professor que se abre para uma relação equilibrada com o aluno e norteie esta relação tem muito a ganhar e aprender e, além disto, e adquirir conhecimentos importantíssimos tal com lidar em cada situação, com cada aluno, aprende sobre as diversas formas de ver o mundo e se relacionar com os outros.

“O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar.” Libâneo (2006,p. 29)

Professor inseguro: tem medo da rejeição dos alunos, treme não ser aceito, não consegue ministrar sua aula, não se posiciona como o “comandante do barco” e não acredita na sua metodologia. Chalita (2001) acredita que “o medo de fato paralisa e dificulta o crescimento profissional. Apesar de ser um sentimento normal e freqüente, é preciso que seja trabalhado” (p.170).

O educador deve confiar em si mesmo, confiar nos anos de estudos e dedicação que ele realizou, deve superar a insegurança e o medo de ministrar suas aulas, de ser aceito ou não pelos alunos. Ninguém é obrigado a agradar o outro e sim respeitar as diferenças, o professor deve ter em mente sua autenticidade e sua importância.

“O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, ‘desarmada’, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo



próprio aprendiz em comunhão com o professor formador” (Freire, 1996, p.38-39).

Professor lamuriante: esse é o tipo de professor que pra ele nada está bom, nada é suficiente, esta sempre reclamando das situações do cotidiano, da quantidade de alunos em sua sala, da falta de material, das poucas aulas para ministrar muito conteúdo, relata de seus problemas familiares todos os dias para os colegas de trabalho. “A dignidade de um profissional é requisito básico para uma relação de trabalho” Chalita (2001), para o autor o professor deve encarar sua realidade e aceita-la com dignidade, deve encarar que nada é perfeito, mas depende muito dele para mudar a situação atual, como poderá contribuir numa educação de qualidade se não acredita nela.

Freire sustenta que “Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mas me torno capaz de mudar, de promover-me [...]”. (1996, p.39). Portanto cabe ao professor reconhecer que suas lamentações apenas pioram sua realidade e não ver seus alunos como um problema, mas como pessoas capazes de mudar esta realidade no futuro.

Professor ditador: esse educador não aceita nem respeita a opinião do aluno e sua autonomia. Para ele a sala precisa esta em silêncio total, a palavra ordem é sinônimo de aprendizagem, os alunos têm medo dele e poucos se aproximam. Em sua relação como o educando é inaceitável ter amizade ou até mesmo conversar com este, assuntos que não dizem respeito ao conteúdo proposto. Freire já contrapõe a idéia dizendo que “É bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis.” (1995, p.82)

Chalita (2001) afirma que o respeito é algo que o professor não deve impor e sim conquistar, para o professor conquistar este respeito sua relação afetiva com o educando é fundamental, pois como todas as pessoas, as

crianças só confiam em pessoas que gostam que as façam bem e que as fazem sentirem seguras.

“O professor ditador está perdido na necessidade de poder. Poder e respeito não se impõem, se conquistam. Há determinadas práticas que se perpetuam sem razão; são contraproducentes e muito danosas para o aluno mas, principalmente, fazem muito mal ao professor que as revive.” (2001, p.172).

Freire (1996) também acredita que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não oferecer uns aos outros.” (p. 59). Assim sendo, é imprescindível que o educador respeite o aluno com um ser que também possui características próprias, liberdade de expressão e autonomia para pensar. Cabe ao professor apenas guiá-los e mostrar o outro lado de sua opinião e não apenas exilá-los por terem pensamentos distintos do professor e dos outros colegas.

“O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ‘ele se ponha em seu lugar’ ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente às experiências formadoras do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.” Freire (1996, p.59-60).

Para Libâneo (2006) o professor deve possuir a consciência da diversidade cultural de seus alunos, uma vez que, entenderá que cada um possui características próprias e que sua forma de pensar e agir, originam-se de suas experiências. Deste modo, respeitar sua autonomia é fundamental para o crescimento e amadurecimento dos pensamentos do educando.

[...] à preocupação em vincular o trabalho que se faz na sala de aula com a vida que os alunos levam fora da escola e com as diferentes capacidades, motivações, formas de aprendizagem de cada um. A diversidade cultural, diz respeito, basicamente, à realidade concreta

da diferença entre as pessoas. É levar em conta as experiências do cotidiano que os alunos têm na condição de brancos, negros, homens, mulheres, homossexuais, trabalhadores, pobres, remediados e que não é possível atuar com todos os alunos da mesma maneira". (2006, p.42)

Professor desorganizado: Sua desorganização não diz respeito à "bagunça" que se encontra sua mesa na sala de aula ou até mesmo a desordem que está seu armário, mas sim na forma com que planeja suas aulas. Este professor aparenta não ter a mínima noção do que sua aula irá tratar, está sempre perdido e não focaliza as atividades trabalhadas aos conteúdos propostos.

Enfim, o professor deve assumir seu papel de suma importância para a relação afetiva entre ele e o educando, cabe a ele estabelecer atitudes que favoreçam o crescimento intelectual dos educandos, deve se preocupar também com sua prática e a forma com que seu aluno vem, a forma com que os alunos o enxergam é essencial para que a relação do professor e do aluno esteja em um patamar de companheirismo e nunca de revolta e rivalidade. Freire (1996) aponta que, "Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no 'trato' deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola" (p.97).

O professor deve defender as causas com vontade, deve motivar seus educandos, encoraja-los a descobrir e inventar, sem dar conceitos prontos, construindo constantemente novos saberes e contagiando-os com afetividade.

### **3.3. A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO APRENDIZAGEM.**

Dentre muitos fatores que favorecem o bom desempenho do aluno, encontramos o fator: ambiente emocional. Este ambiente emocional, sendo adequado, gera um bom relacionamento entre o professor e o aluno. Casassus apud Ratier (2009) diz que um professor precisa dominar os conteúdos de sua

disciplina e também saber acolher as turmas, identificando e trabalhando interesses e sentimentos.

Ele ainda defende que um ambiente emocional provoca no aluno um estado emocional de segurança, o qual ele sente-se seguro para errar ou acerta. E até se sente mais motivado e capaz para construir sua cognição.

“Quando os estudantes se sentem aceitos, os músculos se distendem e o corpo relaxa. O reflexo disso é que eles se tornam mais seguros. Assim, o medo se reduz, as crianças ficam espontâneas e participativas e sem temor de cometer erros - quero sublinhar que o mecanismo da tentativa e erro é fundamental para aprender. Confiantes, elas são capazes de mostrar até mesmo o momento em que o interesse pelo assunto tratado em sala desaparece – e o porquê de isso ter ocorrido. Construir uma relação assim pode demorar, mas certamente nunca será desperdício de tempo”. (Casassus apud Ratier, 2009, p.30).

A relação professor-aluno deve direcionar a afetividade ao diálogo entre ambos, já que muito influencia na construção do conhecimento e no aspecto emocional. Chalita (2001) afirma a idéia com o seguinte pensamento “A relação de afeto entre alunos e professor deve se estabelecer no momento da Aprendizagem” (p.151)

A dimensão do ensino e da aprendizagem na sala de aula se dá através desta relação, pois ambos mediam e se apropriam desta aprendizagem. Com já visto anteriormente, o professor não tem dever apenas de transmitir conhecimentos e sim media-los aos alunos de uma forma que aproximem ao máximo da realidade deste aluno, precisando sempre ir além, despertando valores, atitudes e sentimentos como respeito mútuo e valorização do eu e do outro.

A aprendizagem se torna concreta quando o aluno se sente capaz pelas atitudes e estratégias de motivação recebida na classe pelo professor, que desperta sua curiosidade e sua vontade de aprender.

“É estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber, filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida.” (Cury, 2008, p. 49).

Freire (1996, p.96) enfatiza que as características do professor contribuem para a afetividade e para aprendizagem, afirmando que:

“Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar[...]. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebam tem importância capital para o meu desempenho.”

Libâneo (2006) acredita que a dimensão afetiva contribui muito para a aquisição de conhecimentos, para ele “A aprendizagem de conceitos, habilidade e valores envolvem sentimentos, emoções, ligadas às relações familiares, escolares e aos outros ambientes em que os alunos vivem.” ( p.44)

Segundo o autor, o professor deve proporcionar ao educando uma aprendizagem que tenha significado, cabe a ele conhecer e compreender as motivações que o aluno recebe seus interesses, necessidades dos alunos que são distintos entre si, ele deve ampliar a capacidade de dialogo entre seu mundo com o mundo do educando, deve ser sensível para localizar a relação docente no contexto físico, social e cultural do aluno. “A relação saudável entre professor e aluno só contribuirá para o crescimento de um e a realização de outro” (Chalita, 2001, p.154)

Segundo Cury (2008) “Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo” (p.53), portanto é fundamental que o professor esteja preocupado em criar em seus alunos um senso de criticidade, de justiça, de solidariedade, de criatividade e de transformação do seu mundo.

Freire (1995) recomenda aos educadores sobre o assunto:

“Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar, educadores e educadoras, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para escrever nossa intervenção na realidade a curto e longo prazo(...) nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a ela, demarcam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual as condiciona. Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe.(Freire, 1995, p. 79)

Assim sendo, para o professor deve prevalecer a visão humanística, visão que transforma o ambiente mais afetivo e a aprendizagem mais satisfatória, onde tudo com base primordial no desenvolvimento cognitivo e psíquico.

“Um bom professor educa seus alunos para uma profissão, um professor fascinante os educa para a vida. Professores fascinantes são profissionais revolucionários. Ninguém sabe avaliar seu poder, nem eles mesmos. Eles mudam paradigmas, transformam o destino de um povo e um sistema social sem armas, tão-somente por prepararem seus alunos para a vida através do espetáculo das suas idéias.” (Cury, 2008, p.58).

## **PESQUISA DE CAMPO**

### **Dados gerais da Instituição.**

**1.1 Nome da instituição I:** E.M.E.F. Oswaldo Grandizoli

**1.2 Endereço:** Campo Limpo Paulista - SP

**1.3 Especialidade:** Educação Básica (1º ano ao 9º ano)

**1.4 Nível educacional do estágio realizado:** Educação Fundamental.

**1.5 Carga-horária cumprida em cada nível:** Proposta Articulada na Educação Fundamental – 90h

### **1.6 Localização física e infra-estrutura da escola:**

○ Acesso:

A escola esta localizada no bairro Monte Alegre que é um bairro próximo à área central, é acessível, pois próximo à escola passa duas linhas de ônibus, ela está entre os bairros Jardim Marsola, Vila Olímpia e outros, suas proximidades possuem ruas asfaltadas e casas bem estruturadas.

○ Comunidade:

A comunidade onde a escola esta inserida é simples possui famílias de classe média e algumas famílias de classe baixa que precisam de assistências sociais.

○ Infra-estrutura.

A escola é considerada grande comparada a algumas escolas do município, possui 14 salas em dois andares, as salas de 5ª à 8ª séries possuem lousas digitais e note book para os alunos, possui ainda a sala de informática, pátio central amplo, quadra de esportes e uma área ao redor do prédio bem extensa com gramado e poucas árvores.

## **INTRODUÇÃO**

Confesso dizendo que não foi nada fácil iniciar esta Proposta Articulada cujo tema é “As relações afetivas entre professor e aluno no ensino fundamental”, primeiro problema: Por onde começar? Depois a espera pela liberação deste estágio. Graças a Deus, primeiramente, em segundo a secretária da educação e por último e não menos importante, minha diretora, com a ajuda destas pessoas e de alunos e professoras (minhas queridas colegas de trabalho) pode aplicar e concluir esta proposta.

Sem dúvida alguma o estágio curricular é importantíssimo para a articulação entre a teoria e a prática, principalmente para estudantes do curso de Pedagogia. E a Proposta Articulada me proporcionou aprofundar minha pesquisa em relação às relações afetivas entre professor e aluno.

Através da proposta consegui observar situações do cotidiano escolar, práticas escolares, postura do professor e do aluno, metodologias de ensino-aprendizagem que contribuem para essas relações; Observar a interação entre o professor e o suporte escolar (diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico), relação entre professor-aluno.

Além da observação, foi fundamental a participação em situações, conversando com alguns professores e alunos sobre o assunto e aplicando um questionário sobre o assunto e por fim tirando delas experiências e informações que contribuirão para adicionar ao meu trabalho de conclusão de curso que carrega o mesmo tema.

## **INFORMAÇÕES LEVANTADAS**

Antes da aplicação procurava saber com esta pesquisa, quais as relações afetivas que existiam entre professor e aluno, que envolve tanto a questão: do amor, da confiança e da amizade, quanto o distanciamento, o ódio e o medo.



Posso dizer agora que, pelo observado, todos estes sentimentos são vivenciados, cada qual em um momento, mas sim todos sentidos e ao mesmo tempo transformados.

A seguir fiz um levantamento através de tabelas das informações colhidas dos professores e aos alunos.

### Questionário aos alunos

<b>Perfil dos participantes</b>
Os alunos escolhidos para esta aplicação são estudantes da 2ª série e também da 3ª série do ensino fundamental, são alunos falantes e inquietos, nenhum indisciplinado. Três dos alunos possuem muitas dificuldades na leitura e escrita, também são bem desinteressados dos estudos.
<b>TOTAL DE PARTICIPANTES</b>
<b>Quantidade:</b> 8 alunos do ensino fundamental.

<b>QUESTÕES</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
1. Quando você escreve uma carta ou um bilhete para alguém, em casa, você pensa em sua professora?	6	2
2. Se lhe acontece fazer uma boa ou má ação, tem a impressão de ter a professora te observando?	5	3
3. Quando esta em casa você fala de sua professora para sua família?	5	3
4. Quando a professora o repreende, você acha que ela gosta mais de seus colegas?	0	8
5. Você tenta agradar sua professora fazendo todo o dever?	8	0
6. Você já fez alguma coisa de qualquer jeito para chamar atenção da professora?	1	7
7. Depois de ter sido repreendido pela professora, tentou fazer alguma coisa de propósito só para ela	0	8

ficar brava?		
8. Você faz bagunça na sala mesmo quando a professora lhe chama atenção?	2	6
9. Você gosta de sua professora?	8	0

As questões 1, 2 e 3 possuem o objetivo de saber o quanto o aluno considera sua professora ou a espelha de alguma forma, ou seja a importância da professora na vida pessoal de cada um; podemos observar que na questão 1, 75% das crianças pensam em sua professora ao realizar algo ligado a escola, e 62% comentam da professora e antes de fazer alguma ação pensa na professora.

Nas questões 4, 5 e 6 procuram entender se algum aluno faz alguma coisa para chamar a atenção da professora, preocupados sobre tudo, com a aceitação e o amor que a professora pode lhe oferecer. Sendo assim, 100% dos alunos tem plena consciência que a professora jamais deixaria de gostar de si por causa de uma repreensão. Na questão 5, 100% tenta agradar a professora realizando todo o dever e na questão 6, 12% dos alunos fez algo para chamar atenção da professora, por carência de afeto.

Nas opções 7 e 8 foi destinado para detectar, deste grupo de aluno, o que tem mais perfil de aluno indisciplinar, que tende a provocar a professora sem motivos. 100% dos alunos afirmam que jamais praticaram tais ações e 25% confessa que mesmo sendo chamada atenção continuou fazendo algazarra na classe.

A questão 9 foi direto ao assunto, por se tratar de criança que na maioria são sinceras a pergunta procura saber se o aluno realmente gosta de sua professora apesar de suas ações ou ações da professora, sendo assim 100% dos alunos dizem que gostam de sua professora e quando questionados sobre a opção escolhida, eles afirmam que acham que sua professora é a melhor que poderiam ter.

### **Questionário as professoras**

<b>Perfil das participantes</b>
Professoras do ensino fundamental, a maioria das entrevistadas possui muito tempo de magistério e já trabalharam com diferentes turmas no decorrer de sua carreira, são professoras batalhadoras que procuram tornar a educação a melhor possível.
<b>Quantidade:</b> 6 professoras

<b>QUESTÕES</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
1.Você pensa em seus alunos nas horas que não está na escola?	6	0
2.Se preocupa com as necessidades sociais de todos os alunos?	6	0
3.Dá atenção necessária para os alunos que tem mais dificuldades?	6	0
4.Você brinca com seus alunos?	6	0
5.Conversa com os seus alunos sobre a vida pessoal deles?	6	0
6.Dá carinho (beija ou abraça), seus alunos?	6	0
7.Já sentiu muita raiva de algum aluno?	4	2
8.Gosta da turma em que você leciona?	6	0
9.A maioria de seus alunos são indisciplinados?	0	6
10. Tem algum aluno que você não gosta, por causa de sua indisciplinada?	0	6

As questões 1, 2 e 3, para as professoras também procuram saber qual é a importância dos alunos para a vida pessoal do educador e 100% das entrevistadas afirmam que pensam em seus alunos na maioria do tempo, tanto preocupadas com a suas necessidades educacionais quanto necessidades sociais.

Questões 4, 5 e 6, buscam saber se a professora se preocupa em criar um clima mais aconchegante e acolhedor para o aluno, uma forma de aproximar o aluno a ti, como o objetivo de conquistar o aluno, para que este

possa se sentir à vontade para aprender. Segundo a pesquisa, 100% das professoras agem desta forma.

Questão 7, esta questão criou discussão durante a aplicação, pois algumas professoras relataram que sem dúvida já sentiram raiva de algum aluno, mas era algo momentâneo, sendo assim resolveram escolher a opção “Não”, mas mesmo momentaneamente ou durante algum tempo se você sentiu raiva, é fato, e é preciso ser assumido, sentir raiva afinal não quer dizer que não gostamos deste aluno e apenas que sentimos raiva, acredito que isto não é ruim, apenas natural. Enfim, 60% afirmar não ter sentido raiva e 30% confessa que já sentiram raiva de algum aluno, mesmo que momentaneamente.

Aproximando a turma que cada professora leciona atualmente, as questões 8, 9 e 10, procuram saber qual é a opinião da professora sobre este grupo de alunos, em relação ao sentimento existente e também a disciplina ou indisciplina da turma. Segundo a pesquisa 100% das professoras gostam de sua turma, seus alunos são disciplinados e nenhuma possui sentimentos de reprovação de algum aluno.

### **CONCLUSÃO DAS INFORMAÇÕES LEVANTADAS.**

Acredito que para realmente saber a fundo os sentimentos que rodeiam as relações encontradas em cada sala de aula levaria muitos anos, mas posso afirmar que fiquei feliz com os resultados obtidos.

Percebi que as relações são de certas formas profissionais, sentidas conforme a ocasião e entendi ainda que a afeição do aluno pela sua professora contribui muito para sua aprendizagem, pois o aluno senti prazer em ir à escola e encontra tanto sua professora quanto seus colegas.

O que mais gostei de saber é que os alunos se preocupam realmente com a opinião e a aprovação de sua professora, mesmo em casa a professora é uma pessoa que tem importância e que tem reconhecimento.

A repreensão da educadora em alguns momentos também não interfere no sentimento dos alunos, pois acredito que os alunos saibam que ser repreendido ao fazer algo errado é necessário e não representa que a educadora gosta menos dele.

Ao elaborar esta proposta formulei as seguintes perguntas que agora tentarei respondê-las:

1. Quais as principais relações afetivas que podemos encontrar no âmbito escolar?

Pelo observado e pesquisado acredito que o amor, a amizade e a confiança andam lado a lado nas relações que envolvem os professores e alunos, em alguns momentos observei atos indisciplinados, mas nada que gerassem sentimentos como ódio ou distanciamento.

2. Qual é a contribuição desta afeição para aprendizagem do aluno?

Acredito que contribui muito para a aprendizagem do aluno, pois como já citado acima, o aluno senti prazer em ir à escola e encontrar tanto sua professora quanto seus colegas, pois ele sabe que encontrará um ambiente acolhedor, como quem ele confia.

Meus objetivos eram os seguintes:

1. compreender quais os tipos de relações que favorecem a aprendizagem dos alunos;

2. estimular os professores a refletirem sobre suas atitudes em relação à afeição de seus alunos e sua contribuição no processo ensino-aprendizagem.

Consegui atingir, não totalmente por falta de tempo, o objetivo 1, como já citado acima, o segundo também foi atingido, pois na questão 7 do questionário, levantamos uma discussão que fizeram as professoras refletirem sobre um sentimento ruim que também faz parte das relações entre professor e aluno e por último concretizei o objetivo entregando uma carta para os professores e alunos com possíveis atitudes que contribuem para uma relação saudável e garantir uma aprendizagem de qualidade.

## CONCLUSÃO

"Não há educação sem amor, pois quem não ama, não compreende o próximo, quem não ama, não aceita os seres inacabados e portanto, não pode educar."

(Paulo Freire)

As palavras desta conclusão não são efetivamente por fim conclusivas, visto que um estudo desta grandeza merece sempre um maior aprofundamento e outras pesquisas. A temática não se esgotar nessas considerações finais, mas levanta dúvidas e me instiga a continuar caminhando na busca de soluções possíveis a uma educação de qualidade.

Muitas pessoas não levam em consideração que a dimensão afetiva e caminho para o crescimento intelectual e demais dimensões. Logo que acreditam na grandeza de sua importância, tampouco a associa no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com os teóricos estudados nesse trabalho, não há dúvida de que o desenvolvimento afetivo e de suma importância para o ser humano, para o seu crescimento intelectual e sua relação com o outro e como o mundo que o rodeia, não há como desconsiderar as emoções, sua reprodução de mundo, o seu cotidiano e as imagens produzidas por cada agente envolvido no processo de aprendizagem. Fica explicitada a capacidade que a emoção possui no ser humano, produzindo impactos tantos positivos, quanto negativos sobre a memória, a percepção e o aprendizado.

É razoável concluir que a afetividade se faz presente em todas as etapas do processo pedagógico. Para a criança, a relação com os outros e os vínculos que estabelece são fundamentais para que ela possa se apropriar do mundo simbólico, ampliando sua capacidade cognitiva. A aprendizagem adquirida com o outro, suas experiências pessoais e sua interação com o mundo, lhe

propicia uma reconstrução tanto cognitiva quanto afetiva, que muito lhe contribui para o seu crescimento.

É no ambiente escolar que claramente se dá a maior parte das relações de aprendizagem formal. O olhar neste contexto deve ser fundamental, pois é nele que se produz saberes, reconstrói-se práticas, reproduz-se fazeres. As dinâmicas das relações estabelecidas pelos praticantes, os promovem para uma ativamente relação de qualidade nos processos de ensino-aprendizagem.

Aprender a lidar com as emoções se faz necessário, a fé de que estados emocionais bloqueiam a atividade cognitiva, nos impõe o desafio de repensar nossa condutas enquanto educadores. Sendo a sala de aula espaço privilegiado de expressões emocionais variadas, cabe-nos a tarefa de conhecê-las, integrá-las e administrá-las em nossa prática.

A pesquisa realizada neste trabalho buscou através de uma prática de vivências interpessoais, desenvolverem nos alunos e professores a reflexão nas competências sócio-emocionais precisas no funcionamento global e no desenvolvimento pleno das faculdades humanas.

Sabendo da importância da afetividade necessária ao desenvolvimento humano e a proposta de reflexão nesta relação entre professor-aluno, propus responder as questões centrais desse trabalho:

a) de que maneira a relação professor-aluno interfere no processo ensino-aprendizagem?

b) qual é a contribuição da afetividade entre professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem?

As análises levantadas concluíram a relação afetiva favorece tanto no trabalho docente, quanto discente, possibilitando aos agentes do processo educativo, ganhos significativos. Essa ambiência estaria relacionada a um contexto pedagógico que leve em conta os afetos e sua contagiosidade, bem



como a alteração dos estados de ânimo e pré-disposição à retenção de conhecimentos e saberes.

Na pesquisa de campo realizada com oito alunos do ensino fundamental da rede pública do Município de Campo Limpo Paulista, ficou explícito que 1,75% das crianças pensam em sua professora ao realizar algo ligado à escola, e 62% comentam da professora e antes de fazer alguma ação pensa na professora.

A seguir, 100% dos alunos têm plena consciência que a professora jamais deixaria de gostar de si por causa de uma repreensão e 100% tenta agradar a professora realizando todo o dever e, mas apenas 12% dos alunos fez algo para chamar atenção da professora, por carência de afeto.

Assim 100% dos alunos dizem que gostam de sua professora e quando questionados sobre a opção escolhida, eles afirmam que acham que sua professora é a melhor que poderiam ter.

Em relação às entrevistas com as professoras destes alunos ficou claro que 100% das entrevistadas afirmam que pensam em seus alunos na maioria do tempo, tanto preocupadas com as suas necessidades educacionais quanto as necessidades sociais. 100% das afirmam professora se preocupar em criar um clima mais aconchegante e acolhedor para o aluno, uma forma de aproximar o aluno a ti, como o objetivo de conquistar o aluno, para que este possa se sentir à vontade para aprender. Segundo a pesquisa 100% das professoras gostam de sua turma, seus alunos são disciplinados e nenhuma possui sentimentos de reprovação de algum aluno.

Para finalizar, Acredito que para realmente saber a fundo os sentimentos que rodeiam as relações encontradas em cada sala de aula levaria muitos anos, mas posso afirmar que fiquei feliz com os resultados obtidos, mesmo que alguns sejam meramente frutos da imaginação de alguns alunos e professores, sua concretização é possível e eficaz. O que mais gostei de ter ciência exata é que os alunos se preocupam realmente com a opinião e a aprovação de sua

professora, mesmo em casa a professora é uma pessoa que tem importância e que tem reconhecimento.

Ficou evidenciada no material coletado, que o professor é peça fundamental para que o relacionamento com seu aluno os promovam a um patamar consolidado e firme, que os assegure num crescimento sólido e seguro, pois se o aluno está firme e seguro no ambiente escolar e na relação com seu mestre, certamente seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem se dará de forma concreta e eficaz.

## REFERÊNCIAS TEÓRICAS

ABREU, Maria Célia; MASCETTO, M. *O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos*. 8ª edição. São Paulo: MG Editora Associados. 1990.

ALARÇÃO, Isabel (Org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed. 2001.

AQUINO, Julio Groppa. *Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996a.

\_\_\_\_\_. *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*. 13.ed. São Paulo: Summus, 1996b.

CARNEIRO, Jamile Beatriz; SCHNEIDER, Ernani José. Aspectos Socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem. *Revista de divulgação técnico-científico do ICPG*, Santa Catarina, v.3, n.11, p.83-87, Jul/dez. 2007.

CHALITA, Gabriel. *Educação: A solução está no afeto*. 6.ed. São Paulo: Editora Gente. 2001.

CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de (Org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 76-85.

FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Professora sim, Tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. 6. ed. São Paulo: Olho d' água. Maio/1995.

GÓMES, A Pérez. Compreender e transformar o ensino. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GUIMARÃES, Àurea. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: Alternativas teoricas e práticas*. 13.ed. São Paulo: Summus, 1996.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon. *Revista de Psicologia da Educação*, São Paulo, n.20. p.11-30, Jan/jul. 2005.

MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. 4.ed. São Paulo: Summus, 1985.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de (Org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992.p. 46-75.

POLATO, Amanda. Remédios para o professor e a Educação. *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano XXIII, n.211, Abril. 2008.